

**UM ESTUDO SOBRE CRÔNICA: O GÊNERO, LUIS FERNANDO
VERISSIMO E O FUTEBOL**

Lígia Rodrigues BALISTA

(Orientador): Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas

RESUMO: Trata-se de um trabalho de iniciação científica, ainda em processo, sobre o gênero da crônica, a partir do estudo de como ele se apresenta em diferentes momentos da literatura brasileira e na obra de Luis Fernando Verissimo, através de um mapeamento bibliográfico sobre o gênero e fortuna crítica do autor. O fichamento e discussão dessa bibliografia servem de base para um trabalho de análise de algumas crônicas selecionadas do livro *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto* de L. F. Verissimo – um recorte de 22 textos que tratam do tema do futebol. Destaco o trabalho do autor com o humor e a relação futebol e identidade nacional.

Palavras-chave: literatura brasileira, crônica, Luis Fernando Verissimo, futebol.

O trabalho que apresento aqui é fruto de uma pesquisa em Iniciação Científica ainda em andamento¹. Faço, portanto, uma análise/leitura de meus estudos até este momento e uma projeção das expectativas para sua continuidade.

A pesquisa partiu de meu interesse pelo gênero da crônica e pelas reflexões da crítica literária sobre esse tipo de texto, juntamente com o interesse por textos literários que trabalham o tema do futebol e sua relação com aspectos culturais e identitários do Brasil. O projeto de pesquisa acabou definido, então, pelo trabalho com a bibliografia disponível sobre o gênero da crônica e fortuna crítica sobre o autor, incluindo também uma análise de crônicas que tratam do tema futebol. Para isso, selecionei algumas crônicas do jornalista e escritor Luis Fernando Verissimo, reunidas no livro *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*².

O contato com diversos materiais desse autor me estimulou a escolher seus textos para uma pesquisa mais aprofundada. Somam-se a isso, o desafio de trabalhar com textos de um autor ainda em exercício e o aspecto humorístico marcante de muitos de seus textos, que também foram significativos para minha escolha.

¹. Este projeto teve início em agosto/2006 e está sendo realizado com o auxílio do CNPq.

². VERISSIMO, Luis Fernando. *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. Rio de janeiro: editora Objetiva, 1999.

A pesquisa ficou organizada, então, em três grandes etapas. Na primeira, deveria realizar o levantamento e a organização da bibliografia existente sobre o assunto e fortuna crítica do autor em questão, enquanto na segunda, realizaria o estudo dessa bibliografia, lendo, fichando e resenhando os textos. A última etapa da pesquisa consiste em relacionar a bibliografia pesquisada e estudada com os textos de Verissimo selecionados do livro já mencionado, analisando as 22 crônicas de futebol escolhidas.

O livro *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto* é volume que reúne crônicas publicadas por Verissimo nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Zero Hora*, entre agosto de 1997 e setembro de 1999. O recorte feito para a etapa final de minha pesquisa compreende as crônicas escritas no período da Copa do Mundo de Futebol de 1998. São 22 textos escritos durante a cobertura da Copa do Mundo ocorrida na França. Essa escolha tem por objetivo focar minha análise num conjunto restrito de textos, unidos pelo tema e pelo recorte temporal, para que eu possa estudá-los e analisá-los cuidadosamente, depois do trabalho com o mapeamento bibliográfico.

Apesar de alguns desvios e adaptações referentes ao cronograma e à organização geral de minha pesquisa, mantive essa ordem e estruturação ao desenvolver o projeto. Dessa forma, hoje me encontro no final da etapa de fichamento da bibliografia sobre crônica e ainda em processo quanto à bibliografia sobre o autor. Quanto à análise final da pesquisa (seleção de crônicas de Luis Fernando Verissimo), ainda não entrei a fundo na investigação – já tenho refletido de forma ampla sobre os textos e pensado algumas questões que o estudo bibliográfico me desperta, mas ainda não entrei na análise propriamente, tendo portanto apenas apontamentos pouco profundos sobre este ponto.

Parti de alguns textos teóricos sobre crônica como base inicial para minha pesquisa³, já que colocam reflexões importantes sobre o gênero da crônica e sua história, com as quais esperava me deparar no mapeamento bibliográfico e na análise das crônicas de Verissimo. Se fosse sintetizar algumas idéias presentes nesses textos, poderia listar os seguintes aspectos: relação literatura/jornalismo; maior ou menor relação da crônica com o tempo e com o referente; desprestígio da crônica em relação a outros gêneros literários; relação autor/leitor na crônica;

³. CANDIDO, Antonio. “A Vida ao Rés-do-Chão” in: *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP e Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pp. 13-22.; COUTINHO, Afrânio (dir). *A Literatura no Brasil*. 5ª ed. vol. 6. “Cap. 57. Ensaio e Crônica”. São Paulo: Global, 1999.; DIMAS, Antonio. “Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?”. *Revista LITTERA*. Rio de Janeiro, nº12, pp. 46-51, setembro-dezembro, 1974.

e percurso histórico da formação do gênero e suas particularidades na literatura brasileira.

De fato, todas essas questões aparecem na bibliografia referente ao gênero da crônica com a qual venho lidando em minha pesquisa. Porém, cada autor trata dessas questões conforme sua abordagem e sua perspectiva de análise literária, tendo portanto variações muito interessantes quanto a cada um dos aspectos mencionados. Antonio Candido, por exemplo, afirma a crônica como gênero menor e a valoriza por isso, pois assim ela garante uma proximidade e uma linguagem que “fala de perto”⁴. A crônica para ele trabalha com a “quebra do monumental”, partindo do miúdo para mostrar grandeza ou beleza. Seu valor está em “transformar a literatura em algo íntimo”. Já para José Aderaldo Castello⁵, por exemplo, o valor da crônica está muito mais em funcionar como auxílio para análise de um escritor, pois mostra suas reflexões e observações. É vista também por Castello como um campo de preparação para a prosa ficcional do escritor. Pretendo explorar melhor esse ponto mais adiante.

Apesar das diferentes posições e análise de cada autor, acredito que seja possível apontar um panorama geral sobre a história e o percurso da crônica no Brasil, já que as informações mencionadas muitas vezes são as mesmas, mudando apenas o tratamento que cada autor dá a elas. Parece, portanto, haver uma periodização já reconhecida para a crônica, com uma cronologia padrão e essencialmente os mesmos autores indicados como emblemáticos: a crônica do Brasil Colônia (portugueses, jesuítas e viajantes); o *folhetim* do Romantismo e Realismo (José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Manuel Antonio de Almeida, Coelho Neto); as crônicas do Modernismo (Mário de Andrade, Antonio Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, Menotti del Picchia, Manuel Bandeira, José Lins do Rego) e as crônicas dos anos 50 e 60 até hoje, incluindo as que nos são contemporâneas (Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Luis Fernando Verissimo).

Este esquema se repete nas histórias literárias de Alfredo Bosi, José Aderaldo Castello e Luciana Picchio, por exemplo. Mas não podemos afirmar que os autores tratam com igual peso os acontecimentos ligados à crônica ou a própria produção desse gênero por escritores que são reconhecidos e valorizados por outros gêneros. Sobre o primeiro ponto referente à história da crônica e seu surgimento no Brasil, tanto Bosi como Castello apontam os cronistas coloniais como marco, mas cada autor trabalha um enfoque diferente.

⁴. Cf. CANDIDO, Antonio, op. cit., p. 13-14.

⁵. CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Edusp, 1999.

Bosi caracteriza essa crônica como histórica e “literatura de informação”⁶, enquanto Castello a denomina como “prosa informativo-descritiva”⁷. Porém a atenção dada por Castello é claramente maior do que a despendida por Bosi nesse ponto: o primeiro dedica quatro capítulos ao assunto, além de seções inteiras sobre o gênero, enquanto o segundo o faz em apenas um capítulo e muitas vezes só cita em nota a produção de crônicas dos autores. Ressalto que não se trata de uma questão apenas quantitativa, mas de detalhamento de informação e reconhecimento do tópico como relevante para a história literária brasileira.

Podemos apontar também uma idéia comum em relação a esse gênero que aparece em mais de um dos autores pesquisados: a não-independência do gênero da crônica, que é sempre visto na relação com outros gêneros literários. A importância da crônica fica no acréscimo de valor que dá ao escritor – em geral já reconhecido por outras obras/gêneros. A crônica é tratada, então, como experiência para romance ou para tipo de narrador, ou como confirmação do bom autor de romance, ou então pelo assunto de que trata (como fonte histórica que mostra observações feitas pelo autor ou aspectos biográficos).

O estudo da história literária de Bosi nos mostra isso. As posturas de Bosi sobre o gênero da crônica variam ao longo das referências, pois o autor reconhece o gênero e sua história, mas ora o deixa em segundo plano de análise, ora o elogia por suas contribuições específicas à ficção.

Também Castello mostra essa postura, colocando muitas vezes a crônica como auxílio importante para a análise e compreensão de outra parte da obra do autor em questão (em geral, a prosa). Sobre Machado de Assis, afirma:

“A crônica antecipa a reflexão existencial na narrativa ficcional, esclarece o seu conteúdo ou intenção, e em alguns casos pode ser tomada como um exercício preparatório para o conto e para capítulos de romance.”⁸

“O crítico, solidamente fundamentado em princípios da teoria literária de fins do séc. XVIII para o XIX, completaria com o cronista o preparo e a capacitação do ficcionista”⁹.

É interessante observar que algumas vezes Castello parece colocar a crônica ao lado da ficção, e não “dentro” – como se o “compromisso direto com

⁶. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ªed. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 16.

⁷. CASTELLO, José Aderaldo *A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 49.

⁸. Cf. CASTELLO, José Aderaldo, op. cit., p. 370.

⁹. Idem, p. 375.

a realidade cotidiana”¹⁰ a impedisse de ser classificada como obra ficcional. Podemos ver isso no seguinte trecho, ainda sobre Machado de Assis:

“para o romancista, sem dúvida o maior campo de experiência reflexiva foi a crônica. De variada matéria, estendeu-se por toda a atividade do escritor. Fez o registro do cotidiano observado e informado de diferentes maneiras, nos limites da vida no Rio de Janeiro – mundanismo, vida artística, política nacional representada por deputados, senadores, ministros – ate outros fatos em âmbito nacional e mundial. Acumulou dados diversos, associados, para a procura de um denominador comum. E o cronista extrairia do gênero, em que se tornou mestre, sugestões e situações decisivas para a ficção. Aperfeiçoaria uma linguagem inconfundível, de tal maneira, como já dissemos, que muitas páginas de romances e contos tiveram nas crônicas a primeira forma de tratamento.”¹¹

Gostaria de ressaltar que o trabalho com a obra de Picchio acrescenta um aspecto muito importante para minha pesquisa, já que ela é a que mais trata da crônica depois de 1960 – pela própria data de sua história literária – o que será de grande importância para meu trabalho com o autor escolhido na parte final da pesquisa. Ela inclusive comenta a produção de Luis Fernando Verissimo:

“encontraremos no sul, na capital gaúcha Porto Alegre, um grande cronista, autor de flagrantes cheios de atualíssimo humor brasileiro, Luis Fernando Verissimo (n.1936), filho de Érico Verissimo: as suas crônicas saborosas continuam sendo reunidas em volume para o divertimento de leitores aficionados”¹².

Aparecem aqui algumas das questões com as quais pretendo trabalhar durante a análise das crônicas selecionadas do livro *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. A imagem reconhecida de “grande cronista”, que inova no gênero e tem uma obra marcada pelo humor é recorrente nos trabalhos sobre Verissimo.

Flávia Fontes o apresenta como “estandarte da boa prosa de jornal” e afirma que “sua percepção sobre a classe média, a política, os relacionamentos, o futebol, entre tantos outros assuntos, é precisa, sagaz.”, pois ele tem “perícia em olhar o mundo”¹³. Martha Batalha, que o apresenta como “hoje nosso

¹⁰. Idem, p. 370.

¹¹. Idem, p. 392.

¹². Cf. PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 646.

¹³. FONTES, Flávia. “Luis Fernando Verissimo e a crônica em nosso tempo”. In: *Revista TAM Magazine*. São Paulo, ano 1, nº 11, pp. 28-33, janeiro, 2005.

melhor cronista” e “uma das inteligências mais agudas da literatura brasileira contemporânea”, diz que “suas crônicas sobre futebol adotam um tom épico e filosófico para tratar de um tema ‘popular’”¹⁴. Manuel da Costa Pinto afirma que Verissimo tem um “estilo que transita imperceptivelmente entre o erudito e o popular” e nos faz crer que “há mesmo algo de intensamente simbólico nos rituais esportivos que mobilizam multidões e povoam o imaginário dos estádios”¹⁵.

Até o fim de minha pesquisa, lidarei com essas imagens e análises e pretendo estudar mais sobre o humor como recurso literário e o humor em Machado de Assis, para ter mais elementos para a parte final de minha pesquisa.

O tema do futebol também é marcante na obra de Verissimo, e pretendo olhar com atenção o tratamento que ele dá a esse tópico. Para isso não posso deixar de ir à obra de Nelson Rodrigues¹⁶ e aos trabalhos realizados sobre ela¹⁷. É necessário que eu retome essas leituras antes de arriscar uma análise mais aprofundada, mas diante do trabalho que tenho até hoje, me arriscaria a dizer que Luis Fernando Verissimo está na tradição de Nelson Rodrigues quanto ao tema e na de Machado de Assis pela reflexão com humor.

Pretendo ainda ter no foco de minha análise até o fim da pesquisa a forma como a nacionalidade aparece nesses textos, por exemplo, na relação do futebol com a identidade do brasileiro. Finalizo com trechos de duas das crônicas selecionadas:

“A Copa é um grande negócio e um grande acontecimento cultural internacional e coisa e tal, mas também não é só isso. Mexe com essa coisa indefinível que é a relação das pessoas com os símbolos dos seus afetos, que podem ser só um escudo e uma camisa, mas representam muito mais, seja lá o que for.”¹⁸

“Como o personagem do poema de T. S. Eliot que podia medir sua vida em colherinhas de café, podemos medir nossos últimos 28 anos em Copas do Mundo.”¹⁹

¹⁴. BATALHA, Martha Mamede. “Entrevista Luis Fernando Verissimo”. In: *Revista Cult*. São Paulo, ano 4, pp. 4-7, abril, 2001.

¹⁵. PINTO, Manuel da Costa. “A armadilha borgeana de Verissimo”. In: *Revista Cult*. São Paulo, ano 4, pp. 8-9, abril, 2001.

¹⁶. Nelson Rodrigues tem uma vasta produção de crônicas sobre futebol, muitas reunidas em livro por Ruy Castro, como *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

¹⁷. Como a tese: MARQUES, José Carlos. *O Futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ e Fapesp, 2001.

¹⁸. VERISSIMO, Luis Fernando, op. cit., p. 59 (crônica intitulada “Ser Brasil”).

¹⁹. Idem, p. 67.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BATALHA, M. M. (2001). “Entrevista Luis Fernando Verissimo”. In: *Revista Cult*. São Paulo, ano 4, pp. 4-7.
- BOSI, A. (1975). *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ªed. Cultrix, São Paulo.
- CANDIDO, A. [et. al.] (1992). *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Editora da UNICAMP, SP e Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ.
- CASTELLO, J. A. (1999). *A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. Edusp, São Paulo.
- COUTINHO, A. (dir). (1999). “Cap. 57. Ensaio e Crônica”. *A Literatura no Brasil*. 5ª ed., vol. 6. Ed.Global, São Paulo.
- DIMAS, A. (1974). “Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?”. *Revista LITTERA*. Rio de Janeiro, nº12, pp. 46-51.
- FONTES, F. (2005). “Luis Fernando Verissimo e a crônica em nosso tempo”. In: *Revista TAM Magazine*. São Paulo, ano 1, nº 11, pp. 28-33.
- PICCHIO, L. S. (1997). *História da Literatura Brasileira*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro.
- PINTO, M. C. (2001). “A armadilha borgeana de Verissimo”. In: *Revista Cult*. São Paulo, ano 4, pp. 8-9.
- VERISSIMO, L. F. (1999). *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro.